

“Porta do Sol”, Elias Khoury, Record, 2008

Já no ano de seu lançamento, em 1998, “Porta do Sol” provocou grande repercussão na Europa, EUA e Israel. Em 2002 foi eleito o livro do ano pelo jornal *Le Monde Diplomatique*. O livro é um imenso resgate da memória das famílias palestinas que sofreram a perseguição, a expulsão, a morte e a humilhação impostos pelas tropas israelenses entre a Guerra da Galiléia, em 1948, e o Massacre de Sabra e Chatila, em 1982. Mas o livro não é uma denúncia de ódio e vingança, apesar da experiência do autor nas lutas do povo árabe. Elias Koury nasceu no Líbano em 1948 e aos 19 anos se incorporou às tropas do Fatah, o braço armado da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Nos anos 1970 defendeu a causa palestina como pesquisador e jornalista, mas voltou ao combate na Guerra Civil Libanesa (1975 - 1990), quando ficou gravemente ferido. Entre 1993 e 2009 foi editor do suplemento cultural do jornal libanês *Al-Nahar*. É professor de Estudos Islâmicos e do Oriente Médio na Universidade de Nova York.

O título *Porta do Sol* se deve ao nome de uma caverna da Galiléia, na qual se refugiou o combatente Yunis, herói de guerra do povo palestino. A obra é construída através de uma série de encontros em que o enfermeiro Khalil imagina um diálogo com Yunis, então em estado de coma. Nestes diálogos, Khalil dá voz a inúmeros personagens que viveram em torno da vida de Yunis, conferindo à obra um atraente aspecto de oralidade, em que o leitor é inserido em rodas de conversas entre mães, idosos, combatentes, órfãos e até mesmo personagens do lado israelense desta história de massacres intermináveis.

Como afirma o escritor Milton Hatoum sobre *Porta do Sol*, “cada narrativa, cada voz se entrelaça com outras, em tempos e lugares diferentes. O fim de uma história é o começo de outra e a única saída neste labirinto de batalhas, tragédias e humilhações é o amor, o desejo de viver em liberdade, com amor”.

Apesar de procurar um tom de superação da dor e do ódio, e de buscar uma solução do amor, muito bem apontado por Hatoum, as histórias de *Porta do Sol* surpreendem pela crueldade, principalmente para o público mais acostumado ao massacre diário da mídia hegemônica e à ideia de que Israel apenas se defende de terroristas desumanos, homens-bomba e fanáticos ávidos de sangue e vingança.

Não apenas a história de uma pessoa parece começar, quando a de outra parece terminar, mas também a dos povos. Após a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e a revelação do horror do holocausto judeu, o mundo todo se compadece da dor do heroico povo hebreu, que desde tempos bíblicos e romanos resistiu a perseguições e humilhações. Ou quase todo o mundo, pois os povos árabes assistiram revoltados à divisão da Palestina - onde viviam por milhares de anos - pela ONU em 1947 para a criação do gigantesco assentamento da nação de Israel, que acolheria todos os judeus do mundo, inclusive os sobreviventes do Holocausto.

Desde então, quatro grandes guerras se desenvolveram entre árabes e israelenses até os recentes acordos de Paz, sempre com a vitória dos judeus, muito bem aparelhados, treinados e financiados pelos EUA. Israel se converteu na potência militar da região, inclusive com sua própria bomba atômica, tomou posse de sua parte e também da parte dos palestinos, como estratégia de defesa de seu jovem Estado, cercado de islâmicos por todos os lados. A ONU protesta reiteradamente e exige a devolução dos territórios palestinos, segundo o modelo de divisão que ela mesma concebeu. Parte deles foram devolvidos, como Gaza, mas ainda hoje faltam outras parcelas reclamadas pelos palestinos, como Jerusalém Oriental e as Golinhas de Golã, na fronteira com a Síria. Falta, sobretudo, o reconhecimento do Estado da Palestina, o que o presidente Barac Obama negou em novembro de 2012.

Porta do Sol se inicia pelo Nakba (catástrofe, em árabe), nome pelo qual ficou conhecido o êxodo, associado a massacres, dos povoados palestinos da Galiléia em 1948, período que Israel registra com o nome de Guerra de Independência. Mais de 700 mil palestinos foram obrigados

a abandonar casas e plantações e se deslocaram, em sua maioria, para o sul do Líbano. Khalil relembra, junto à cama do emudecido Yunis, vários casos de perda, seguida de tentativa de retorno e nova expulsão, ou morte. Alguns se esconderam nas florestas e voltavam soturnamente para roubar frutas e legumes de suas próprias hortas, sendo recebidos à bala. Uma senhora volta com seu filho num velho Fusca e chega a localizar a casa, convertida agora em moradia de uma velha judia de Beirute. Ambas conversam amigavelmente e até trocam gentilezas, lembranças e revelações. A senhora judia tenta devolver à palestina a moringa de barro que ficava na cozinha, mas esta não aceitou e disse: “eu a dou para você”. Caíram na gargalhada.

O mais comum, infelizmente, foi o retorno que levava ao encontro com a morte. As tropas israelenses procuravam por combatentes islâmicos no meio da população civil e, quase sempre, nunca fazia diferença entre civil e militar. Na noite de 1º de maio de 1948, por exemplo, na vila de Ein-Azeitun (Galiléia), um grupo retornou para resgatar o dinheiro que haviam escondido no quintal e o que viram foi o massacre de mulheres, crianças e idosos, reunidos no centro do vilarejo pela guarda especial israelense, o Palmach. Um senhor, chamado Yssuf, levantou da multidão agachada e tentou solicitar um tratamento de prisioneiro de guerra, conforme as leis internacionais: "Um oficial jovem aproximou-se de Yussif e lhe deu uma tapa na cara, depois puxou seu revólver e deu-lhe um tiro na cabeça. Seu cérebro explodiu e espalhou-se no chão"

Há ainda o Massacre de Tarchiha, assim descrita pelo protagonista:

“Escolheram sessenta homens, amarraram suas mãos com cordas e fizeram-nos parar em fila. Sessenta homens com idades diferentes pareciam uma parede comprida trespassada por uma única corda passando pelas mãos amarradas atrás das tas. Atiraram. O barulho das metralhadoras ensurdecia. Os homens caíam, as pessoas agrupadas na praça corriam para as plantações. Era a morte”

Há também o Massacre da Lama, ocorrido em dezembro de 1948: *“Nahila me contou sobre o massacre dos velhos e como Abraham, o oficial israelense, entrara no vilarejo e ordenara que todos se agrupassem ao redor do tanque. Caminhou por entre eles, como quem inspecionasse um batalhão. Mesmo Hajj Mussa Drawich, o parálítico, foi trazido de sua casa, por ordem dele”*. Após a morte do parálítico, o oficial (cujo nome cobriria de vergonha o Patriarca) escolhe vinte idosos a dedo e os coloca em um caminhão, dispersando a tiros os restantes, que se dispersaram aterrorizados nos bosques e plantações mais próximos. Pouco mais tarde os vinte velhinhos foram metralhados em um lamaçal, durante uma chuva torrencial, de tal forma que se misturavam a lama, o sangue, os corpos mortos e os que ainda escorregavam.

A diáspora palestina de 1948 teve como destino o sul do Líbano, onde se formaram imensos campos de refugiados, em meio aos quais a luta armada recrutava seus fiéis militantes. Estabeleceu-se um círculo de ódio. A violência do Estado de Israel é imensamente desproporcional aos ataques das guerrilhas palestinas, cujas fileiras são permanente alimentadas pelo crescente contingente de humilhados do lado palestino, que sobrevive na mais dura miséria. Guerrilhas que Israel chama de terrorismo, lembrando atos como o massacre da equipe esportiva de Israel nas Olimpíadas de Munique de 1972 pelo comando Setembro Negro, uma dissidência radical da Fatah.

Para desmoralizar o inimigo, o Estado de Israel protagoniza em 16 de setembro de 1982, um dos capítulos mais sórdidos e cruéis do século XX, o Massacre de Shabra e Chatila, dois daqueles acampamentos de refugiados. Ariel Sharon, então Ministro da Defesa de Israel, responsável pela “proteção” do sul do Líbano, invadido por Israel, permitiu a entrada noturna de uma milícia libanesa antipalestina (a Falange Libanesa) que, sob as luzes poderosas do Exército Israelense, matou cerca de 3000 civis, entre homens, mulheres e crianças.

Nosso protagonista não reconta a história de Sabra e Chatila, pois romperia com a oralidade da estrutura do romance, construída com o material da memória dos palestinos. Foi numa mesa de bar em Jerusalém que conhece detalhes do lado israelense e falangista do

Massacre, como por exemplo a execução sumária de duas crianças palestinas com apenas um tiro:

“Contou que o chefe Joseph encontrou três crianças e pediu a um de seus acompanhantes para segurá-las. Disse que lhe pediu para que as colocasse uma perto da outra sobre a mesa. “Peguei meu revólver, queria verificar o alcance de um tiro da Magnum” Um dos meninos escorregou da mesa, a luz queimava os olhos, pedi para o colega afastar o rosto, ele não entendeu o que eu quis dizer, deixou os dois meninos e saiu da casa. Aproximei-me deles, queria amarrá-los e me afastar, mas não achei uma corda. Juntei os dois coladinhos, coloquei a boca do revólver perto da cabeça de um deles e atirei. A bala atravessou as duas cabeças; morreram imediatamente. Não vi o sangue, pois com aquela estranha luminosidade israelense não era possível enxergar o sangue. Quando saí da casa, tropecei na terceira criança que havia caído, voltei um pouco para trás, atirei em algo pequeno que se movia, parou”.

Joseph (outro que renegou o nome) era um combatente da Falange Libanesa, aliada do Estado Israelense. Em 16 de dezembro de 1982, a Assembleia-Geral das Nações Unidas condenou o massacre declarando-o um ato de genocídio.

E como a história de uma pessoa leva ao começo da história de outras, nosso protagonista, Khalil, acaba conhecendo cruzamentos ideológicos improváveis, como a história de Sara (esta sim, honrou a esposa de Abraão), a mãe judia dos guerreiros islâmicos da Fatah de Gaza e Jamal, o líbio, que conhece seu tio, um coronel israelense.

João Pedro Ricaldes – Maio de 2012

Arte & Literatura – Excerto

“Porta do Sol”, Elias Khoury, Record, 2008

Páginas 99-109 - Visita à casa tomada pelos judeus

Kweiket havia caído nas mãos dos judeus, mas não ficamos sabendo. Na madrugada de 10 de julho de 1948, as pessoas correram de suas casas em suas roupas de dormir. O bombardeio foi violento, os canhões rugiam na noite do vilarejo que não dormiu. As pessoas pegaram seus filhos e fugiram pelos campos até os vilarejos próximos, desde Yarka a Deir-Alqassi, de Deir-Alqassi a Abu-Sinan, a Yaathur e deste em diante. E no caminho, Abu- Hassan levava quatro ovelhas e três cabritos, mas todos morreram; Umm-Hassan chorou pelo rebanho como se fossem seus filhos.

"Juro, meu filho, que chorei. Ai das minhas pobres ovelhas. Foram-se como se nunca tivessem existido, apagaram-se, morreram. Como a gente podia sobreviver?"

Mas Umm-Hassan sobreviveu por longo tempo, embora não tivesse parado de chorar. Colocava a fita e chorava. Contava às pessoas sobre as duas idas que fizera para lá.

"Por Deus, gente! Viver para ver ... Antes tivéssemos nem vivido nem visto".

Saná comentou que a mulher morreu de mágoa pela casa.

(...)

"A segunda vez foi diferente" contou.

"Meu irmão estava se sentindo melhor e me levou a Kweiket. Eu pedi a ele. No início repetiu as mesmas palavras do filho, depois aceitou e fomos. Seu filho Rami veio conosco e tinha uma câmera de vídeo, foi ele que gravou a fita, que Deus o proteja. Adentramos Kweiket, que não a reconheci até chegarmos à casa:"

- Como lhe contar de Umm-Hassan? Conto das lágrimas, das lembranças, ou me calo?

A mulher se sentou no banco traseiro do fusca azul, olhando pelo pára-brisa traseiro sem enxergar nada.

"Chegamos!"; avisou Fawzi.

Ele indicou a casa, mas ela não viu nada.

(...)

Suas lágrimas corriam sem chorar, enxugava-as com a manga de seu vestido, enquanto escutava as explicações do irmão e enquanto via o sobrinho pular com a câmera a sua volta e do carro.

"Demoliram todas as casas, minha irmã, e construíram o assentamento Bet Ha-Emek - exceto as casas novas na colina"

A casa de Umm-Hassan era nova e estava na colina.

"Todas as casas foram demolidas" disse o irmão.

"E a minha?"; perguntou Umm-Hassan balbuciando.

"Aquela lá é a sua"

Estavam longe da casa uns vinte metros, a árvore do quinino estava balanceando, mas Umm-Hassan não enxergou nada. Ele a pegou pelo braço e caminharam, e de repente ela viu tudo. "Como se o tempo não tivesse passado, meu filho,"

Que tempo é esse de que falava a mulher, meu pai? Nós o encontraríamos nas fitas de vídeo que se tornaram nosso único passatempo? O campo Chatila tornou-se o campo do vídeo. As fitas passavam de casa em casa, as pessoas aglomeravam-se ao redor dos aparelhos, recordavam e contavam.

Falavam do que não mais vêem, e construíam um país a partir de imagens do país. Não ficam entediados de repetir as mesmas histórias? Umm-Hassan nunca mais dormiu. Continuou contando até morrer nas lágrimas dos olhos.

(...)

A porta se abriu. Do rasgo da porta apareceu uma mulher: quinquagenária, morena, cabelo grisalho, olhos grandes.

Fawzi falou em hebraico.

"Por que falam em hebraico comigo? Falem em árabe!"; disse a mulher num nítido sotaque libanês.

"Desculpe, senhora, o seu esposo está?"

"Não, meu marido não está, mas, por favor, entrem."

Abriu a porta.

"Ela sabe árabe", cochichou Umm-Hassan enquanto entrava. "Você é árabe, não é, irmã?"

"Não, não sou árabe", respondeu.

"Aprendeu o árabe, então?"

"Não, aprendi o hebraico, mas não esqueci o árabe. Entre, entrem, fiquem à vontade."

Entraram. Umm-Hassan contou, como fizeram todos aqueles que chegaram a ver suas casas antigas: "Tudo estava no mesmo lugar, tudo exatamente como era, até a moringa de barro."

"Deus dos mundos!"; suspirou Umm-Hassan, "o que diria Umm-Issa se visitasse sua casa em Jerusalém? Pobre Umm-Issa, em seus últimos dias, só falava de uma coisa: a panela de abobrinha, que deixara na sua casa no bairro de Qatamun, em Jerusalém; não apagara o fogo embaixo da panela de abobrinha."

"Sinto o cheiro de queimado, a panela se queimou, tenho que ir e apagar o fogo", dizia Umm-Issa, de quem Umm-Hassan cuidou nos últimos dias de sua vida. Umm-Hassan,

que tinha pena da mulher que agonizava, ficou de pé naquela casa, diante da moringa de barro, que continuava no mesmo lugar, sentiu o cheiro da abobrinha na panela de Umm-Issa e contou que tudo continuava no mesmo lugar, "se não fosse por aquela gente que chegou e ficou em nosso lugar."

A mulher israelense deixou-a diante da moringa, depois voltou com uma caneca de café turco. Pôs café em três xícaras, sentou-se olhando para aqueles dois estranhos que tremiam enquanto seguravam as xícaras. Antes de Umm-Hassan abrir a boca, a mulher israelense perguntou:

"Esta é a sua casa, não é?"

(...)

A mulher israelense acendeu um cigarro, soprou a fumaça no ar, olhando do para lugar nenhum. Fawzi saiu para o quintal, onde estava Rami, seu filho, divertindo-se com a câmera de vídeo, filmando tudo.

As duas permaneceram na sala: uma chorando, a outra fumando e o silêncio entre elas. A israelense se virou, queria dizer algo, mas não disse. Umm-Hassan enxugou as lágrimas com as mãos, aproximou-se da moringa colocada numa mesa lateral na sala.

"A moringa", disse Umm-Hassan.

"Encontrei-a aqui, não a uso. Se quiser, leve-a."

"Não, obrigada."

Umm-Hassan caminhou até a moringa, pegou-a e a colocou sob o braço, aproximou-se da mulher israelense e entregou a moringa a ela.

"Obrigada!": disse a palestina, "não a quero, eu estou dando a você, pegue-a."

"Obrigada!": disse a israelense. Pegou a moringa e a devolveu para onde estava estava.

O silêncio se quebrou. As duas mulheres caíram na risada.

(...)

Páginas 128 – 138 A captura de Adnan: julgamento, troca de prisioneiros (1983), loucura, heroísmo e o temporário (139)

Você posa de corajoso agora porque esqueceu. Você se esqueceu de Adnan?

Adnan Abu-Odeh voltou ao campo de Burj-Elbarajne, após ter ficado vinte anos nas prisões israelenses. Voltou como um herói, e você foi recebê-lo, pois era seu amigo e o companheiro de sua vida. Sempre se referia a ele como "o herói".

O que aconteceu com "o herói"?

Isso foi em 1965, vocês eram cinco combatentes numa das primeiras operações dentro da Galiléia. Adnan foi pego, três morreram e você escapou. Que nomes tinham os três mártires? Até você se esqueceu de seus nomes. Quando me contou sobre a operação suicida, hesitou e disse: "Khalid Alchatti. Não, Khaldun. Não, lamal..," Até você não se lembrava. Você escapou, mas eles morreram. A morte não justifica o esquecimento, mas você esqueceu!

Você se salvou, me contou, porque "se retirou" para a frente, após terem caído na tocaia israelense, enquanto eles "se retiraram" para trás - como os soldados normalmente batem em retirada. Caíram entre dois fogos cruzados e morreram, enquanto você continuou seu caminho para a Porta do Sol. Adnan não morreu, embora tivesse ficado gravemente ferido na barriga. Os israelenses o capturaram, trataram-no no hospital antes de levá-lo a julgamento.

(...)

Adnan ficou de pé no julgamento e disse tudo que deveria dizer. Disse que não reconhecia o tribunal, e que ele era um dos fidayyin, não um terrorista.

"Esta é a minha terra e a terra de meus avós" disse, recusando-se a responder a qualquer pergunta. Perguntaram a ele sobre você; ele não disse nada.

Páginas 172 – 173: Nakba, 1948: êxodo de 750 mil palestinos

De repente, o vilarejo foi invadido e destruído como se nunca tivesse existido.

Quando você voltou à sua aldeia e nela entrou carregando seu rifle inglês, viu os homens do Palmach em todo lugar, mas nada fez. Não atirou uma bala sequer em defesa de sua aldeia. Limitou-se a pegar uma barra de ferro, aqueceu-a no fogo, gravou aquela data em seu braço esquerdo, correu para as plantações de oliveiras fora do vilarejo, ouviu os detalhes da queda e jurou se vingar.

Ein-Azeitun foi um marco de mudança no curso da guerra da Galiléia, pois na noite do 10 de maio de 1948 uma unidade do Palmach, acompanhada por mulas carregando munição, foi avançando em direção de Ein-Azeitun através das colinas de Dweirat, que dão para o vilarejo do lado norte e da colina. Os homens do Palmach começaram a rolar barris de explosivos sobre o vilarejo.

Umm-Sleiman, chorando, disse que mataram seu pai.

Você chegou à plantação de oliveiras, viu suas sombras vagantes, andavam sem rumo; aí avistou Umm-Sleiman, tocou-a no ombro, mas ela não parou, continuou andando e você tentando alcançá-la.

"Umm-Sleiman, sou eu, Yunís" você gritou.

Ela se virou e o viu, mas não parou, e disse: "Mataram seu pai, vá procurar sua mãe e sua mulher lá na frente."

(...)

Hámid Ali Hassan tinha a roupa toda suja de sangue, quando chegou a pátio. Hámid, que era um jovem em seus vinte anos, tinha os olhos verdes da mãe beduína morena; só deixou a aldeia após ter ficado sozinho entre as bombas que explodiam ao seu redor.

Hámid Ali parou no pátio da mesquita e disse que Rachid Khalil Hassan estava morto.

"Voltamos": disse Hámid, "éramos seis da família Hassan, queríamos trazer o dinheiro enterrado no pátio de nossa casa. Rachid foi o primeiro a entrar no vilarejo e foi atingido por uma bala na nuca, caiu. Os tiros começaram a chover sobre nós de todos os lados, tivemos que fugir. Temos que voltar para enterrar Rachid:"

Disse isso e se sentou, sua mãe correu e lhe deu água. Bebeu e suspirou, mas ninguém se mexeu, ninguém disse "vamos pegar o corpo".

Estavam no pátio da mesquita de Chaab atordados, pareciam fantasmas cobertos de longos mantos pretos.

Foi lá que você soube o que tinha acontecido.

Na manhã do segundo dia de maio, os homens armados se retiraram e as pessoas permaneceram dentro das casas cercadas pelo fogo. Quando os soldados do Palmach entraram, pediram a todos para se juntarem no pátio da casa de Mahmud Hámid.

Umm-Sleiman ficou escondida no estábulo próximo da casa dela, mas depois decidiu sair. Carregou uma bandeira branca e se juntou às pessoas no pátio.

"O que posso lhe dizer, meu filho? Nós, de pé e eles atirando sobre nossas cabeças. Começamos a nos abaixar, alguns até se ajoelharam, outros se agacharam e havia ainda quem deitou no chão. Foi então quando Yussif Ibrahim Alhajjar, que tinha ao lado a mulher que tentava puxá-lo para baixo, ficou de pé e levantou as mãos para cima como se estivesse se rendendo. Mas o fogo não parou. Ele gritou: 'Basta! Chega, nos rendemos e pronto!'

Pararam de atirar, Yussif aproximou-se dos soldados com seu corpo que carregava nas costas o peso de 75 anos de vida.

"Quero dizer algo, me ouçam:

"Nós nos rendemos, nosso vilarejo caiu e nossos homens foram derrotados, por isso nos rendemos e esperamos ser tratados de uma forma humana. Prestem bem atenção, somos prisioneiros de guerra e devemos ser tratados como tais - prisioneiros civis de guerra. Nós não mendigamos sua compaixão, nós a exigimos e vamos retribuí-la. Se tratarem bem da gente, vamos retribuir a boa ação com uma melhor. Amanhã, como sabem, o EAL entrará na Palestina, vocês serão derrotados, e então os trataremos como seremos tratados agora. Por isso será melhor para vocês se chegarmos a um acordo hoje. Deus é testemunha que foram avisados:

"Um oficial jovem aproximou-se de Yussif e lhe deu uma tapa na cara, depois puxou seu revólver e deu-lhe um tiro na cabeça. Seu cérebro explodiu e espalhou-se no chão. Nenhum de nós se mexeu, até sua mulher permaneceu ajoelhada e não se moveu. Os soldados escolheram uns quarenta jovens e os levaram; quando sumiram de nossas vistas, ouvimos tiros. Mataram os jovens, depois nos guiaram como carneiros para o lado oeste do vilarejo, nos mandaram partir e começaram a atirar sobre nossas cabeças. Corremos em direção do vale Alkarrar, onde nos agrupamos antes de caminhar em direção de Chaab,"

Enquanto isso, você procurava por Hanna Kamil Mussa, o líder da milícia do vilarejo, e que era mais do que um irmão para você. Por ele, você conheceu Abdul-Qadir Husseini Saffuri e se tornaram inseparáveis, feito gêmeos.

(Nakba, literalmente "catástrofe" com foram denominados a maciça expulsão e o êxodo de aproximadamente 750mil palestinos em 1948)

Páginas 209 – 211: Massacre de Tarchiha

"Aquela criança começou a chorar de fome, uma criança de 3 ou 4 anos, dizia aos berros que estava com fome. As pessoas olhavam incomodadas para a mãe, pedindo-lhe que a fizesse parar, mas ela não sabia o que fazer.

Carregou o menino e começou a balançá-lo, mas ele não parou. Havia aquele velho, não consigo me esquecer daquele velho:

Minha avó sempre me assustava com o velho de Safsaf e me ameaçava quando eu me recusava a comer seu cozido, que o velho de Safsaf viria de noite e me estrangularia. Assim eu acabava mastigando a comida mastigada.

Contou-me que ela compreendeu o pavor deles quando chegaram a Tarchiha. Lá, eles se tranquilizaram, comeram e choraram. O velho então contou dos lençóis brancos.

"Nós os recebemos com os lençóis brancos. Saímos carregando os lençóis como sinal de rendição, mas eles começaram a atirar sobre nossas cabeças, depois nos mandaram nos reunir na praça da aldeia. Escolheram sessenta homens, amarraram suas mãos com

cordas e fizeram-nos parar em fila. Sessenta homens com idades diferentes pareciam uma parede comprida trespassada por uma única corda passando pelas mãos amarradas atrás das tas. Atiraram. O barulho das metralhadoras ensurdecia. Os homens caíam, as pessoas agrupadas na praça corriam para as plantações. Era a morte:'

"Depois que chegamos a Tarchiha, ele se tornou outro homem", disse minha avó. "Mas no caminho, durante aquelas noites silenciosas, ele foi um monstro. Um homem delgado, de costas curvadas, tinha bigode preto, como se traçado a lápis, e o cabelo grisalho. Dava-nos ordens nervosas e a gente notava as veias aparecendo nas suas mãos pequenas, enquanto nos mandava calar"

Minha avó contou que entregou à mãe o único pão que escondia no peito. Disse que ficou com medo, parecia que o velho estava disposto a matar a criança se continuasse a chorar. A mulher seguia tentando aquietar se menino: pegava-o na mão e o levantava, carregava-o e depois o devolvia para o chão, deixava-o caminhar entre suas pernas. O menino chorava. A mulher pegou o pão redondo da minha avó, dividiu-o em dois, deu uma parte para o filho e a outra devolveu à minha avó, mas o menino recusou, queria o pão inteiro e voltou a chorar. O velho aproximou-se, pegou-o pelo peito e começou a chacoalhá-lo, Minha avó apressou-se e deu à mãe a outra metade, que a passou ao filho. Mas o menino queria um pão inteiro, não duas metades de um pão. A mulher juntou as metades, pegou uma agulha e uma linha do peito, enfiou a linha no buraco da agulha e começou a costurar o pão.

Minha avó contou que assistiu a tudo como se envolvida pela penumbra, pois a lua minguante que deslizava por entre os galhos das árvores transformava as pessoas em sombras que se chocavam umas nas outras. Eu escutava a minha avó contando a história e ficava com medo de sua voz rouca que engolia a cena, fazendo-a parecer com os contos de djins e ifrites.

A mulher costurou o pão e o deu ao menino, e este se aquietou. Pegou o pão contente, antes de ele descobrir que não era um pão inteiro, pois a mulher, na escuridão, não se cuidou de dar nó na linha. Quando o menino começou a manipular o pão, a costura ia se afrouxando e um vão enorme apareceu no meio; voltou a chorar, levantou o pão para devolver à mãe e chorou.

Aí o velho se aproximou, arrancou o pão e começou a devora-lo. Engoliu mais do que a metade do pão com as linhas e se aproximou da mãe.

"Mate-o': sussurrou com ênfase.

"Jogue-o no poço': disse uma mulher no meio da multidão coberta pela escuridão.

"Me dê, eu dou um jeito nele': disse o velho.

Aproximou-se da criança, enquanto o choro ia crescendo. A mãe pegou um cobertor de lã, envolveu menino e o carregou. Colocou sua cabeça no ombro dela, apertava-o contra o peito enquanto andava e a voz da criança sufocava embaixo do cobertor. O velho os seguiu, minha mãe disse que o velho foi atrás da mulher e que ele apertava a cabeça da criança contra o ombro da mãe.

"Em Tarchiha, a mãe colocou o filho no chão, descobriu-o e se pôs a chorar. A criança estava azul, azul. Quanto ao velho, este se transformou quando chegamos à última aldeia palestina, começou a procurar por sua filha, perguntando ansioso às pessoas por uma mulher gorda e baixinha com cinco filhos:'

Minha avó contou que o povo de Tarchiha lhes trouxe comida, mas o velho se recusou a comer. Tornou-se um outro homem. As veias não apareciam mais no rosto e nas mãos; seu corpo desabou e, chorando, pedia para morrer.

"E a criança?", perguntei-lhe.

"Que criança?"

"A criança do pão:"

Disse não saber, embora soubesse que a criança morreria.

Página 221: o Massacre da Lama (dezembro de 1948)

"Assim, Chaab tornou-se um lugar para uso combatentes e um asilo para os idosos. Duzentos combatentes, aproximadamente, e mais de cem homens e mulheres idosos " Esperamos durante três meses, as mulheres vinham ao vilarejo para pegar comida e outros objetos e nós vigiávamos. Esperávamos por uma ofensiva grande, mas só fizeram ataques pequenos e limitados. O primeiro foi em 27 de julho, isto é, um dia apenas depois da libertação, e os outros seguiram durante os meses de agosto e setembro, mas não eram ataques de retomada. Atiravam sem nenhuma tentativa de avançar. Na maioria das vezes, nós os provocávamos, apesar da precariedade de nossas munições. Depois nos retiramos.

"Retiraram-se assim, sem motivo?"

"Não, nos retiramos porque ficar foi impossível. Em 29 de outubro de 1948, Tarchiha sofreu um ataque aéreo que se expandiu atingindo Aljich e Albqayaa. O EAL começou a se retirar em direção do Líbano. Assim chegou e disse: 'Gente, venderam a todos nós. A guarnição de Chaab deve se retirar antes de fechar as fronteiras de Líbano: Entendemos então que tudo tinha ido por água abaixo.

"Naquele dia, Abu - Isaaf tomou a decisão e disse: 'Vamos nos retirar. Todos se retiraram exceto nós, estamos sós e isso não adianta.' 'Iremos agora, depois voltaremos', ele disse.

"Eu lhe disse: 'Se formos agora, nunca mais voltaremos:

,«O que sugere?', perguntou.

'«Nada', respondi.

"Ele disse: 'Nos retiramos agora, depois voltamos:

"Então nos retiramos. Todos os combatentes se retiraram com suas armas.

"Mas os velhos se recusaram a partir.

"Hussein Faúr, que morreria mais tarde na lama de Zabbuba, disse: 'Levem suas armas e vão; nós vamos ficar no nosso vilarejo. Não podem fazer nada conosco, somos velhos e não vão ganhar nada nos matando:

"No entanto mataram-nos.

"Nahila me contou sobre o massacre dos velhos e como Abraham, o oficial israelense, entrou no vilarejo e ordenou que todos se agrupassem ao redor do tanque. Caminhou por entre eles, como quem inspecionasse um batalhão. Mesmo Hajj Mussa Drawich, o paraplégico, foi trazido de sua casa, por ordem dele. A culpa foi da sua mulher, que informou o oficial israelense de ter deixado seu marido em casa por ser paraplégico. Contou-lhe do marido porque temia que explodissem as casas, como fizeram em Birwa. O oficial lhe ordenou que o trouxesse e ela alegou que não podia carregá-lo sozinha.

Um homem se dispôs a ajudá-la, o oficial colocou-lhe o rifle na cara dizendo que não, que ela fosse sozinha. Voltou, arrastando seu marido, chorando e arrastando, enquanto o oficial sorria, gabando-se, orgulhoso de si mesmo.

Vimos seus dentes brancos, eram estranhamente brancos, e quando a mulher chegou com seu marido até o oficial, Hajj Mussa Darwich deu um ronco alto e um líquido preto jorrou de sua boca e morreu.

"O oficial não se importou, como se não visse o homem morrer. Começou a escolher os homens com o dedo. Quem era apontado pelo dedo teria de ir para o outro lado. Escolheu quase vinte velhos, depois levantou o dedo em direção de Abu- Yunis, o cego. O homem não viu o dedo, o oficial levantou seu rifle. Umm- Yunis gritou 'Não!', caminhou até onde estava o marido, levou-o até os outros e voltou para onde estava. Um caminhão depois chegou e o oficial ordenou que subissem nele. Minha mãe correu, pegou na mão de meu pai e disse que era cego.

"Para trás, mulher!", gritou o oficial.

"Nahila correu carregando o filho no braço e pegou na mão do velho cego.

"Voltem todos!", gritou o oficial.

"Não voltaram, puxaram meu pai e voltaram até o tanque, onde houve o agrupamento inicial e o caminhão partiu. Os israelenses começaram a atirar sobre as cabeças das pessoas, que começaram a se espalhar pelos bosques, à procura de novos vilarejos ou da fronteira do Líbano.

"A história de Zabbuba, meu filho, é a verdadeira personificação de nossa tragédia": Yunis disse.

Nada mais se ouviu a respeito dos vinte homens que o dedo do oficial fez subir no caminhão, até quando Marwan Faúr apareceu na lordânia.

Marwan foi o único homem que escapou do massacre da lama - como seria chamado mais tarde.

Marwan Faúr contou sobre a chuva.

"Era uma chuva torrencial, o caminhão andava sob a chuva. Chegam a Zabbuba, perto de Iennin, na fronteira jordaniana. Fizeram-nos descer e ordenaram que caminhássemos até o lado árabe, e começaram a atirar sobre nossas cabeças."

Era a marcha da chuva, da morte e da lama.

O chão, um lamaçal, e a chuva, cordões. Frio, escuridão e medo. Vinte homens andando, escorregando e se agarrando às cordas de chuva que dos céus pendiam. Tentavam se levantar, mas grudavam na lama.

Vinte homens agarrando-se aos cordões da chuva, arquejamento e tosse; tentativas de caminhar, escorregamentos e o grudar na lama.

A lama tornou-se um grude.

Grudaram-se no chão, caíram e o grude da lama os engoliu. Os cordões da chuva que caíam do céu transformaram a terra em lamaçal. A morte começou.

Foi assim que os homens do Chaab morreram no "Massacre da Lama": que aconteceu num dia de dezembro de 1948.

Página 270: Um tiro em duas cabeças perfiladas de crianças palestinas

Naquele momento, o homem diante de mim se transformou. Até a brancura de seu rosto ficou tingida de verde e ele falou como se fosse chefe Joseph:

"Nos levaram até o aeroporto, eu estava liderando um destacamento de vinte jovens. Estávamos perdidos. Bechir havia morrido. Abu-Machaal me deu alguns pacotinhos de cocaína e me pediu para distribuir aos moços.

Cheirávamos a cocaína como se fosse um antepasto, como se comêssemos amendoim. Depois descemos até o campo e começamos. Havia as bombas de luz. Não pegamos ninguém, nem lutamos com ninguém. Entrávamos nas casas, metralhávamos, golpeávamos com facas e matávamos. Parecia uma festa, como se estivéssemos no

acampamento de escoteiros dançando ao redor da fogueira. O fogo vinha de cima, das bombas de luz que os israelenses jogavam, e nós, embaixo, fazíamos a festa:

Disse "festa"!

Contou que o chefe Joseph encontrou três crianças e pediu a um de seus acompanhantes para segurá-las. Disse que lhe pediu para que as colocasse uma perto da outra sobre a mesa. "Peguei meu revólver, queria verificar o alcance de um tiro da Magnum" Um dos meninos escorregou da mesa, a luz queimava os olhos, pedi para o colega afastar o rosto, ele não entendeu o que eu quis dizer, deixou os dois meninos e saiu da casa. Aproximei-me deles, queria amarrá-los e me afastar, mas não achei uma corda. Juntei os dois coladinhos, coloquei a boca do revólver perto da cabeça de um deles e atirei. A bala atravessou as duas cabeças; morreram imediatamente. Não vi o sangue, pois com aquela estranha luminosidade israelense não era possível enxergar o sangue. Quando saí da casa, tropecei na terceira criança que havia caído, voltei um pouco para trás, atirei em algo pequeno que se movia, parou".

Página	Assunto
99-109	Visita à casa tomada pelos judeus
112	Doutor visita casa tomada e não leva as chaves
114	O colecionador de chaves de casas tomadas
128-138	A captura de Adnan: julgamento, troca de prisioneiros (1983), loucura, heroísmo e o temporário (139)
140	"vc aceita a merda, mas a merda não nos aceita"
141	"A revolução envelhece, caduca e se caga"
142	Como não percebemos a morte
172	Nakba, 1948: êxodo de 750 mil palestinos
209	Massacre de Tarchiha
210	Mãe palestina matou filho por sufocamento pra não atrair judeus
221	O Massacre de velhos (e um cego)
228	A tortura do "ensoalhamento"
242	Massacre de Chatila – as moscas sobre os corpos
249	Chatila e Dunia, a contadora de histórias
256-261	Salim, criança de Chatila, vendedor de xampu
262-265	Encontro no bar: judeu e palestino bebem juntos
270	Um tiro em duas cabeças perfiladas de crianças palestinas
272	Como se acostuma a matar: é como respirar
273	A vitória está no estupro
296-298	Mulheres e crianças voltam à vila tomada por judeus só para pegar verduras, mas são repelidas a tiros
319	Menino volta para pegar verduras, mas leva tiro
322-324	Mulher invade a própria casa para pegar joias (e dorme)
333	As 7 búfalas que os judeus não mataram
344	Garçom palestino expulso por cobrar gorjetas, trabalha em fabrica do caso do rabino e da sodomia
380-384	Nahila, mulher de Yunis, fala de separação
410-414	Sara, a mãe judia dos guerreiros da Fatah de Gaza

414-418	Jamal, o líbio, conversa com tio coronel israelense
422	Palestinos gostam do papel de vítima
452-462	A história de Chams de seus homens
474	A enfermeira Zenaib que se tornou Zenaib porque contou sua história